

Editorial

In Memoriam

Todos os dias temos experiências que nos fazem parar e refletir sobre nossas vidas. Mas, em algumas oportunidades, os fatos são mais contundentes e marcam de forma mais intensa a nossa trajetória. O dia 27 de janeiro de 2013 foi um desses dias. Nele, um incêndio em uma casa noturna de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, matou 241 pessoas e feriu 123 (em sua grande maioria jovens universitários). A tragédia trouxe muita dor à todos. Aqui destacamos o sofrimento de alunos, professores e servidores da Universidade Federal de Santa Maria, em especial colegas que atuam nas Faculdades de Agronomia, Veterinária e Zootecnia, pois muitos dos mortos e feridos estavam nesses cursos. No entanto, que lições podemos tirar desse trágico dia? Em especial, para além do fato de colegas da UFSM atuarem conosco na revista, a exemplo do editor José Antônio Costabeber - atual presidente da Associação Brasileira de Agroecologia -, quais relações podemos identificar como pertinentes para o nosso campo de atuação que é a Agroecologia?

Ao analisarmos o que foi chamado de um “acidente”, verificamos que isso não é bem a verdade, pois as falhas de segurança e de prevenção de acidentes foram tantas, e de todos os envolvidos, que não se pode atribuir as mortes a eventos fortuitos. Falharam os empresários, ao não buscarem garantir ao espaço de uso público a segurança necessária, com saídas de emergência e espaço compatível com o público presente. Falharam os artistas, que usaram efeitos pirotécnicos não aprovados para uso em ambientes fechados. Falharam os órgãos fiscalizadores da prefeitura e dos bombeiros, por deixarem em atividade uma casa noturna que não apresentava condições mínimas de segurança. Falharam os técnicos que estiveram responsáveis pela construção e reforma do espaço, sabendo de suas finalidades. Enfim, falhou toda a sociedade, pois continuamos a aceitar que situações como essa aconteçam e continuem a acontecer. Nos acomodamos e consideramos acidentes o que poderia ser evitado.

Todos os anos assistimos esses “acidentes”, e em alguns casos vivemos essas experiências, para em seguida nos acomodarmos e continuarmos as nossas vidas como se o esquecimento pudesse evitar o inevitável. São as inundações e desbarrancamentos que tanto matam no sudeste brasileiro na época das chuvas. São as populações que vivem constantemente o risco das secas no nosso nordeste. São as queimadas que continuam a acontecer e a degradar a floresta amazônica e o cerrado brasileiro. São todos os agrotóxicos e organismos geneticamente modificados que continuamos a utilizar na nossa agricultura e em outras atividades humanas, e que estão sabidamente prejudicando nossa saúde e nosso ambiente. São as muitas pessoas que em todo mundo passam fome e passam sede, mesmo com tanta comida sendo produzida no nosso Planeta. Em todos os lugares vivemos a constante espera pelo próximo “acidente” sem que sejam tomadas as devidas precauções por todos nós. Vamos levando nossas vidas, sem exigirmos as garantias de segurança e de investimentos em prevenção de desastres que tanto precisamos para garantirmos às futuras gerações uma vida mais sustentável. Deixamos que aquilo que é considerado uma “necessidade preemente” se sobreponha a qualquer Princípio de Precaução.

Em Agroecologia, um dos principais e fundamentais objetivos é a prevenção de “acidentes” através do redesenho de agroecossistemas mais estáveis, que resistam melhor às perturbações do ambiente ou que tenham uma capacidade maior de resiliência. Para isso todos nós - consumidores, agricultores, técnicos, e gestores públicos - devemos estar cientes de nossas responsabilidades e aplicarmos nossos esforços no sentido de evitarmos e não de solucionarmos “acidentes”. Hoje temos informação mais do que suficiente de que o modelo de agricultura hegemônico provoca danos

ao ambiente, à saúde pública, e à qualidade de vida de toda a sociedade, ajudando a destruir comunidades e culturas locais. Entretanto, ainda assim, mesmo com as muitas experiências bem sucedidas de modelos de agricultura de base ecológica, mesmo com os avanços significativos alcançados pela Agroecologia em todo o mundo, o modelo continua a receber de boa parte da sociedade, um apoio total. E não é mais possível dizer que a falta de reação da sociedade seja pelo desconhecimento dos riscos associados a esse modelo de dependência de insumos e de devastação ambiental. O que falta é uma ação definitiva de mudança de modelo e de garantias à sociedade de que todos os esforços serão feitos para que possamos mudar essa realidade.

No Brasil, alguns passos estão sendo dados, pela sociedade em geral e mesmo pelo poder público, mas ainda de forma muito tímida e limitada em sua capacidade de garantir segurança, soberania alimentar e sustentabilidade. Dentre esses, reconhecemos na Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica, uma demonstração de que de alguma forma existe uma vontade. Porém não podemos apenas comemorar esse pequeno passo como sendo uma demonstração por parte do governo de que está empenhado em conduzir o Brasil na direção da sustentabilidade. Na verdade, ao mesmo tempo que lança uma Política Nacional para Agroecologia, com erros conceituais que poderiam ter sido corrigidos, vemos as políticas públicas para continuidade do modelo hegemônico serem reforçadas. Em todo o país se celebra a “produtividade” da agricultura brasileira, sem que se faça qualquer comentário à sua sustentabilidade e equidade na distribuição de benefícios. Ainda continuamos a assistir a pobreza no meio rural, os danos ambientais e o crescimento no uso de agrotóxicos em todo o Brasil. Estamos muito longe da transição agroecológica necessária.

Cabe a nós, a sociedade brasileira, continuar a mostrar os riscos que estamos correndo, as alternativas possíveis, e as perspectivas do desenvolvimento sustentável. Precisamos continuar a luta para que quem esteja no poder perceba que não podemos esperar que os “acidentes” aconteçam para então procurar apontar os culpados. Seremos novamente todos culpados, como foram os envolvidos no incêndio de Santa Maria, se não fizermos com responsabilidade nossas funções de planejar de forma competente, de construir um mundo mais seguro, e de fiscalizarmos todas as atividades, de forma que não nos peguem de surpresa mais uma vez. Não podemos nos acomodar, nunca. Nem como pais, que aprendem tragédias de todos os dias, nem como cidadãos, que devem zelar para que nossos países consigam se desenvolver de forma sustentável. Todos também somos responsáveis.

Nesse número da Revista Brasileira de Agroecologia homenageamos a todos que perderam suas vidas ou que sofreram com o Incêndio em Santa Maria. Somos solidários e queremos apontar para algumas lições aprendidas. Que sempre tenhamos em mente a necessária lucidez para garantir, independente dos custos financeiros, todas as condições, de infraestrutura, segurança e prevenção de acidentes, para que os jovens brasileiros possam ter uma formação para a sustentabilidade e que no dado tempo possam assumir a tarefa de conduzir o Brasil para uma era de desenvolvimento sustentável e felicidade. Aos jovens que morreram no incêndio, dedicamos esse número.

Fábio Dal Soglio
Editor Chefe
Revista Brasileira de Agroecologia